

# SOBREVIVENTES

RUBEM BRAGA

CHEGA um amigo de São Paulo, e lhe peço que venha comigo até Copacabana partilhar o nublado feijão dos Braga. Depois de meia hora de espera na avenida, tomamos um lotação. É um calhambeque de quatro ou cinco bancos, incômodo e barulhento, em que nos esprememos. Começo a pergunta, saudoso, pela gente de São Paulo, e reparo que meu amigo dá respostas excessivamente curtas e vagãs. Está fortemente agarrado ao banco da frente e com uma terrível apreensão nos olhos.

— Esse "chauffeur" é doido!

Concordo em que o motorista é imprudente. Desembestou pelo Flamengo, jogando sua chacoalhante máquina na frente de duas ou três, guinando para mudar de pista e dando bruscas freadas nos raros sinais. Mais de uma vez "tiramos uma fina" em um "gostosão" enorme, e só uma virada brusca nos salvou de um esbarro perigoso. Como que humilhado por ter sido obrigado a fugir do "gostosão" todo poderoso, nosso "chauffeur" faz questão de massacrar, pelo menos moralmente, um fiat-pulga. E vamos aos pulos e às viradas, invadindo, numa curva impressionante de velocidade, a praia de Botafogo.

Aproveito a oportunidade para expor ao paulista a teoria de minha amiga Lígia Morais. É preciso evitar — diz ela — todo "chauffeur" magro que tem o costume de ficar com o cotovelo esticado para fora da janelinha do carro. Esse tipo de homem costuma ser impaciente e nervoso. É um assassino-suicida em potencial, que tem um prazer ao mesmo tempo sádico e masoquista em jogar com a vida alheia e a sua própria. O "chauffeur" calmo e equilibrado costuma ser mais bem nutrido; Lígia recomenda especialmente os gordos quarentões. Três anos de observação me confirmaram essa teoria. Com o advento dos "gostosões" acrescentei-lhe alguma coisa: o "chauffeur" terrível por excelência é o pequenininho magro que se apodera de um "gostosão". A altura em que se coloca, a força, o peso, o volume e a velocidade do grande ônibus pode lhe dar um delírio de potência e grandeza.

O paulista notou, desassossegado, que nosso "chauffeur" acabara de pôr a asa para fora da janelinha, confirmando minha teoria. Quando passamos o Mourisco e começamos a subir a Avenida Pasteur, um outro lotação roncava ao nosso lado, em uma

disputa feroz. Olhamos: o outro "chauffeur" também estava com a asa para fora...

Na curva da avenida que leva ao túnel novo, nosso bravo "chauffeur" arriscou a vida entrando pela contra-mão e depois investindo violentamente para a direita, passando à frente do "inimigo". Este tentou reagir, mas foi interceptado por um carro particular. Próximo ao túnel reapareceu, certamente vitorioso de outras batalhas menores, e procurou se emparelhar conosco. Estávamos tom a superioridade ainda de meio carro quando saiu um bonde do túnel. Famos ter de ficar para trás. Pois sim! Nosso bravo "chauffeur" meteu os peitos para a direita, raspando o bonde, e o outro teve também de desglidar para a direita, obrigando um terceiro carro a frear. Foi um segundo emocionante, mas desembocamos vitoriosos em Copacabana — e quando paramos junto ao sinal de Barata Ribeiro nosso "chauffeur" tinha o ar de um guerreiro vitorioso.

O paulista perguntou se eu não tinha medo. Confessei-lhe que sim. Tanto medo quanto éle ou qualquer outro sujeito vindo de cidades mais pacatas como São Paulo, Buenos Aires, New York, Londres ou Paris. Apenas o nosso medo carioca é mais conformado. Adquirimos uma psicologia de linha de frente na batalha do tráfego do Rio de Janeiro. Achamos sempre que o outro carro é que vai se esfrangalhar ou que o sujeito que vai no banco da frente é que vai morrer no terrível choque. Nosso "chauffeur" fez ainda algumas proezas menores na rua Copacabana, e teve a extraordinária gentileza de, por alguns milímetros, deixar de matar um garoto que atravessava a rua. Compensou essa gentileza dirigindo um insulto à progenitora do menino. Mais para a frente gritou "navalha!" e "palhaço!" para dois outros "chauffeurs". Descemos na minha esquina com um vago ar de heróis, e eu confessei ao meu amigo:

— Às vezes me canso do Rio. Já morei em outras cidades, mas confesso que aqui é mais emocionante. Em outras cidades há polícia, há inspetores de trânsito, toda uma vasta organização que torna a vida pacata e medíocre. Aqui vivemos perigosamente, e a polícia nos ajuda nisso não só por omissão como por ação: quando a cidade ameaça cair no tédio da monotonia, os rapazes da Rádio Patrulha organizam rapidamente um vibrante "show". E os "chauffeurs" são super-homens alucinados que nos obrigam a participar de seu heroísmo e da sua loucura. Graças a isso, o simples fato da gente ir trabalhar ou voltar para casa é uma aventura de vida ou morte em meio a uma das mais belas paisagens do mundo. Nas outras cidades a gente no máximo vive. Aqui a gente sobrevive incansavelmente...

11.1.49